



EMERGÊNCIA DO FUTEBOL NO INÍCIO DO SÉCULO XX: OLHARES SOBRE A
DISSEMINAÇÃO E POPULARIZAÇÃO DO ESPORTE BRETÃO EM
DIFERENTES REGIÕES DO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Jones Mendes Correia¹
Luiz Carlos Rigo²

RESUMO: Partindo do contexto que o futebol possuiu sua emergência no território brasileiro entre o final do século XIX e início do século XX, o objetivo deste estudo é investigar como o futebol insurgiu, se disseminou e popularizou em diferentes regiões do Brasil, nesse sentido interessa entender os meios de inserção desse futebol, questões étnicas e as relações de poder que foram se estabelecendo. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura a qual contou com artigos publicados em periódicos científicos, livros históricos e sites.

Palavras-chave: Futebol, Emergência, Relações Étnicas

EMERGENCY FOOTBALL AT THE BEGINNING OF THE TWENTIETH
CENTURY: PERSPECTIVES ON THE DISSEMINATION OF SPORT AND
POPULARIZATION BRETON IN DIFFERENT REGIONS OF BRAZILIAN
TERRITORY

ABSTRACT: Starting from the context that football has owned its emergence in Brazil in the late nineteenth and early twentieth century, the aim of this study is to investigate how football has emerged, spread and popularized in different regions of Brazil, accordingly understand the interests insertion means that football, ethnicity and power relations that were being established. Therefore, we conducted a literature review which included articles published in scientific journals, historic books and sites.

Keywords: Football, Emergency, Ethnic Relations

¹ Mestrando em Educação Física - ESEF/UFPEL

² Professor adjunto - ESEF/UFPEL

EMERGENCIA DEL FÚTBOL EN COMIENZO DEL SIGLO XX: PERSPECTIVAS SOBRE LA DIFUSIÓN Y DIVULGACIÓN DEL DEPORTE BRETON EN DIFERENTES REGIONES DEL TERRITORIO BRASILEÑO

RESUMEN: Partiendo del contexto en el que el fútbol ha sido dueño de su aparición en Brasil a finales del siglo XIX y principios del siglo XX, el objetivo de este estudio es investigar cómo se ha convertido el fútbol, se extendió y popularizó en diferentes regiones del país, por lo tanto entender los intereses inserción significa que el fútbol, la etnicidad y las relaciones de poder que se estaban estableciendo. Por lo tanto, se realizó una revisión bibliográfica que incluyó artículos publicados en revistas científicas, libros históricos y sitios.

Palabras clave: Fútbol, emergencia, Relaciones Étnicas

AUTORIZA O ÁRBITRO, ROLOU A BOLA NO “PAÍS DO FUTEBOL”

O presente estudo surge de uma revisão de literatura e integra uma dissertação de mestrado a qual objetiva investigar a emergência do futebol no município de Rio Grande - RS. Entretanto, viu-se a necessidade de entender como tal processo se configurou em outros polos importantes para a emergência, consolidação e, posteriormente, popularização do futebol no território nacional.

Analisados alguns efeitos que o futebol pode produzir em uma sociedade a partir das relações sociais (GASTALDO, 2006) e (RIGO, 2004), dos pertencimentos clubísticos (DAMO, 2001 e 2002), das noções mercadológicas, entre outras vertentes, decidiu-se investigar como se deu a emergência do futebol em alguns estados brasileiros, atentando para o aparecimento do esporte, suas diferentes portas de entrada, noções étnicas e relações de poder³.

Observando a importância social que o futebol possui no cenário brasileiro, o objetivo desse trabalho é contar alguns passos do processo de emergência e disseminação do esporte bretão no território nacional. Deixando claro que por o texto se inspirar no fazer historiográfico genealógico de Foucault (2012a e 2012b), a tentativa é de apontar importantes episódios (e nomes de sujeitos que fizeram parte do processo),

³ A noção de poder trazida nesse texto se dá a partir de leituras de Michel Foucault (2012a e 2012b). Os dois textos presentes na coletânea *Microfísica do poder* apresentam o conceito de genealogia busca compreender as singularidades dos eventos além de analisar as relações socioculturais que vão se estabelecendo.

mas, buscando desconstruir possíveis “paternidades” futebolísticas que no senso comum costumam ser evidenciadas.

OPÇÕES METODOLÓGICAS

Para construir essa escrita foi feita uma revisão de literatura a qual contou com artigos e obras que tratassem do futebol. Com relação aos artigos, a busca foi feita por região pesquisada, não importando o periódico que o mesmo havia sido publicado. Dessa forma, regiões pouco exploradas como a norte e até mesmo a centro-oeste, possuem número reduzido de livros e artigos escritos dificultando a análise.

A análise⁴ foi feita a partir da leitura de seis artigos, seis livros, um capítulo de livro e dois sites, totalizando quinze referências (que tratam da história do futebol). Entende-se, que por se tratar de uma pesquisa qualitativa que emerge de um capítulo de dissertação, não seria necessário fazer uma investida mais abrangente na literatura, visto que, a ideia é trabalhar com um panorama geral acerca da emergência do futebol em algumas regiões brasileiras.

MOVIMENTOS PIONEIROS EM DIFERENTES REGIÕES DO PAÍS

Segundo Mills (2005), o futebol moderno, surgiu na Inglaterra em meados do século XIX, sendo que naquela época se aproximava bastante do que é conhecido atualmente como Rugby, tendo os dois esportes o mesmo nome. Em seguida, após divergências acerca da forma de se praticar, cada associação tomou seu caminho, adotou suas próprias regras e sua nomenclatura. Melo (2000), salienta que existiram objetivos por trás da incorporação dos esportes, inclui-se, portanto o futebol, na cultura inglesa, principalmente nas escolas: “O esporte fora introduzido como forma de controlar os impulsos dos jovens preparando os futuros líderes do imenso Império Britânico, propagando valores, como cavalheirismo, boa conduta, honestidade, entre outros.” (p.15).

⁴ Deixando claro que esse número se refere aos textos que subsidiaram a pesquisa, ou seja, embora tenham sido utilizados alguns textos conceituais, estes não são contabilizados na revisão de literatura.

Entretanto, a ideia é enxergar a emergência do futebol no Brasil de forma plural, mostrando movimentos que se constituíam de forma independente, esse pensamento corrobora com a escrita de Franco Junior (2009), o qual entende que a verdadeira significação do futebol no Brasil, não está em quem o trouxe, mas sim, na forma como as mais diversas classes se apropriaram de tal cultura.

Dois nomes tomam a frente quando o assunto é a emergência do futebol no Brasil; Charles Miller e Oscar Cox. Porém, estes não foram os únicos a transportar a cultura da bola de couro das escolas europeias para os gramados brasileiros. Esse movimento era comum no fim do século XIX e início do século XX, à medida que, até mesmo o futebol de Rio Grande/RS sofreu tal influência. Segundo o site do Sport Club Rio Grande, Johannes Christian Moritz Minnemann⁵, um dos fundadores do clube, trouxe uma bola e a ideia de difundir o processo futebolístico em sua nova cidade. Ao contrário de Miller e Cox, os quais são vistos como os pais do futebol em São Paulo e Rio de Janeiro respectivamente, Minnemann, não fora estudar na Europa, o mesmo era alemão e foi chamado para trabalhar na firma Thomsem & Cia, que se dedicava ao comércio exterior. Perto de completar 25 anos de idade quando chegou ao Brasil em 1900, não quis abrir mão de praticar esportes e logo se identificou com outros estrangeiros fundando o S. C. Rio Grande.

Em São Paulo, Miller, foi mandado pelos pais para estudar na Inglaterra, mais precisamente em Southampton, quando tinha nove anos de idade, o intuito era que o mesmo se formasse e voltasse para trabalhar na administração de empresas em São Paulo. Segundo Guterman (2009), a escola não era de excelência, era fisicamente pequena e contava com apenas três professores, entretanto foi ali que o mesmo conheceu o futebol. Mills (2005) salienta que nas escolas e universidades inglesas da época o esporte fazia parte dos currículos, proporcionando aos estudantes as mais diversas práticas, tais como críquete, tênis, hóquei, hugbi, badminton e futebol.

⁵ Mais sobre Minnemann em: <http://www.sportclubriogrande.com.br> Acesso em: 27/09/2012

O que em relação a Miller não pode ser contestado é trazido por Guterman (2009), sua qualidade técnica:

Charles Miller, um dos principais introdutores do futebol no Brasil. Era adepto do “dribbling”, ou do drible, maneira insinuante de superar os zagueiros para chegar ao gol. Miller podia gostar do “passing”, isto é, da troca de passes, que desde aquela época faz do futebol europeu técnico e eficiente – e monótono. (p.13-14)

O autor começa a identificar a forma brasileira de jogar futebol, nos moldes atuais pode parecer impossível enxergar o futebol do início do século XX constituído por ginga e drible, porém, Miller mostrava que era possível individualizar a prática do futebol em detrimento a obediência tática imperante no futebol daquela época. Além disso, foi Miller quem organizou as primeiras partidas do futebol paulista, disputou o primeiro amistoso internacional e arbitrou inúmeros jogos. Não há como ignorar a importância que Miller teve no processo de disseminação do esporte, entretanto, chamá-lo de pai do futebol, não parece exatamente correto, pois outros movimentos similares vinham acontecendo no país.

No Rio de Janeiro, segundo Pereira (2000), o pontapé inicial ao “jogo da bola” se configurou muito semelhante ao paulista. Na então capital da república, o mentor futebolístico foi Oscar Cox, também mandado pelos pais para estudar na Europa, Cox, porém, teve como destino a Suíça. Lá a febre do então novo esporte também era bastante contundente e o brasileiro acabou se rendendo juntamente com seus colegas de diversas nacionalidades. Ao retornar ao Brasil, traz uma bola e começa a difundir o esporte, instigando os jovens cariocas a participarem das partidas de futebol.

Rocha Junior e Santo (2011), ao se remeterem a emergência do futebol na Bahia, mencionam a similaridade com os movimentos paulista e carioca, mas evitam personificar a criação do futebol soteropolitano. Os autores não negam a importância de Cox e Miller, porém entendem que o futebol já aparecia em outras regiões. O futebol na Bahia também fora trazido por pessoas vindas da Europa, tendo o esporte ganho espaço dentro de clubes originalmente fundados para a prática do cricket, por exemplo, o Club de Cricket Victória fundado em 1889, o qual em 1901 passou a se chamar Sport Club Victoria, adotando o futebol no ano seguinte. Assim como em outros espaços o futebol de salvador assumia um caráter extremamente elitista, a ponto de ser elogiado, quando

praticado nos moldes europeus e marginalizado quando vivenciado por jovens em ambientes “inapropriados”, tais como as praças. Segundo os autores, os jornais da época adjetivavam os jovens que se reuniam para jogar futebol na rua como um bando de desocupados, e que os mesmos quebravam vidraças, lampiões públicos além de atrapalharem o trânsito. (ROCHA JUNIOR & SANTO, 2011).

Cabe também olhar para a região centro-oeste do Brasil, na cidade de Goiânia - capital de Goiás - segundo Dias (2013) o futebol teve seus primeiros registros somente em 1907. Segundo o autor, tal região se caracterizava pelo atraso e pelo isolamento geográfico em relação às regiões sudeste e sul. O futebol em Goiás ter sido aprimorado um pouco depois de outras regiões, se deve a não ter sido influenciado diretamente pela cultura europeia, já que, não se tratava de uma cidade portuária. Tal isolamento era tão evidente, que o mesmo autor anuncia a propaganda de uma bola de futebol comercializada na década de 1920 na região sudeste: “As bolas APOLLO estão sendo jogadas nos lugares mais afastados: nos planaltos de Goyaz, nos sertões de Matto Grosso” (DIAS, 2013. p. 32-33).

Dias (2013) ressalta ainda que na capital Goiana, o futebol foi influenciado pela ida de estudantes locais até outros estados do país para concluírem seus estudos em medicina, engenharia e direito. Porém, esse movimento adjetivado pelo autor como “mais generalizado” viria a acontecer somente por volta da década de 1920, ou seja, o futebol nesse momento nas demais regiões já era bastante praticado, embora com contornos ainda elitistas. Antes disso, o esporte bretão era visto basicamente como entretenimento infantil na capital goiana, pois, poucos grupos se dedicavam ao esporte, e os primeiros registros dos jogos se referem a partidas com seis jogadores em cada time. Outras cidades do estado de Goiás, porém, tiveram sua emergência futebolística mais cedo do que a capital, a qual, por volta do ano de 1910 possuía 13 mil habitantes, já a cidade de Catalão (GO) possuía 30 mil. Um dos agentes da chegada do futebol a esses municípios foram as empresas férreas, através da prática desenvolvida por seus empregados.

Retornando ao sul do Brasil, mais especificamente a cidade de Pelotas, Rigo (2004), destaca a importância do S. C. Rio Grande no que se refere à chegada do futebol em Pelotas-RS, havia apresentações de futebol, geralmente compondo algum tipo de

evento maior, o Vovô, viajava de trem ou barco, levava os dois times, os fardamentos e até mesmo as traves. Em Pelotas, Rigo (2004) observa que a partir de 1906 o futebol já começa a fazer parte do cotidiano da cidade, apesar de ainda ser um acontecimento predominantemente restrito as elites.

Com relação a outras regiões do Rio Grande do Sul, cabe destacar a via platina de entrada do futebol. Segundo Jesus (2000), Argentina e Uruguai abrigavam inúmeros trabalhadores ingleses nos anos de 1890. A explicação se dá, pois, a Argentina era a principal provedora de matéria prima para os Ingleses (carne, cereais e lã). Assim, segundo o autor, viviam na capital argentina no final do século XIX cerca de 40 mil ingleses, fato que consolidou o futebol na cidade de Buenos Aires. Inicialmente também possuía uma configuração elitista, mas dispôs de uma popularização mais veloz que no Brasil. No Uruguai, também se evidenciavam partidas de futebol, protagonizadas por marinheiros ingleses, logo a elite deste país adotara o esporte como um importante exercício atlético. Com relação à ligação desse futebol platino com o futebol no Rio Grande do Sul, o autor salienta que as ferrovias levavam consigo o futebol, Santana do Livramento e Uruguaiana, cidades gaúchas, foram influenciadas pela via platina, devido à proximidade com tais centros e a distância com o sul do estado, no qual o Sport Club Rio Grande começava a difundir o esporte.⁶

Feita essa contextualização, é necessário frisar que Pereira (2000), Rigo (2004), Guterman (2009) e Rocha Junior e Santo (2011), embora tangenciem o fim do século XIX e início do século XX como o início da sistematização do futebol no Brasil, deixam claro que não há como afirmar que movimentos anunciados por eles tenham sido os pioneiros, pelo contrário, em todos há preocupação em salientar que fora registrado muito antes das idas de Cox e Miller para a Europa, a prática do futebol em diversas partes do litoral do Brasil.

Pereira (2000) anuncia que os marinheiros ocasionalmente realizavam exhibições no cais do porto do Rio de Janeiro, Guterman (2009) analisa registros de jogos entre

⁶ Uma referência importante da influência do futebol Platino no Rio Grande do Sul é a fundação em 1902, do Esporte Clube 14 de Julho da cidade de Santana do Livramento. Outras considerações sobre os diálogos do futebol gaúcho com o futebol platino podem ser encontrados também em Rigo (2003). Sobre o clube da fronteira em: <http://www.14dejulho.com/index.php/esporte-clube-14-de-julho.html>. Acesso em: 07/10/2013

1874 e 1878, além de salientar que empregados de firmas estrangeiras também já se aventuravam nas quatro linhas. Rocha Junior e Santo (2011) vão ainda mais longe, pois, anunciam que provavelmente foi nos colégios Jesuítas no tempo do Brasil colônia que chegaram às primeiras bolas de futebol.

A história acabou se encarregando de guardar alguns dos pioneiros do futebol como os “pais” (Miller e Cox) dessa prática no Brasil, entretanto, essa escrita corrobora com Rocha Junior e Santo (2011), no sentido da importância dessas personalidades na constituição do futebol moderno, e quem sabe, até na forma brasileira de se jogar futebol, entretanto, é preciso deixar claro que existiram outras portas de entrada para esse esporte no território nacional. Além disso, analisar apenas as possibilidades da chegada do futebol acaba por ser uma ação bastante superficial, pois, os fatos sociais que ocorreram a partir da instalação dessa nova prática em solo brasileiro, fazem com que as identidades desse futebol viessem a se constituir no que se vê atualmente.

COMPONENTES SOCIOECONÔMICOS E ÉTNICOS EM UM FUTEBOL EUROCENTRICO

Que o futebol no início do século XX era uma prática elitista e excludente, isso não há como discordar. Os fundadores dos primeiros clubes eram alguns “Millers” e “Coxs”, os quais traziam tal cultura do ambiente europeu. Consolidado entre a elite em diversas cidades do Brasil, o futebol não demorou a despertar o interesse de outras camadas sociais brasileiras. Entretanto, antes de se tornar um esporte popular o futebol ainda não despertava tanto interesse da imprensa. Pereira, afirma que em 1901, no Rio de Janeiro, Cox organizou o primeiro jogo de futebol da cidade, um combinado de ingleses jogaria com o time de Cox. A imprensa até noticiou, mas no dia da partida, não houve interesse do público em assistir a partida, apenas alguns familiares estavam presentes. Esse jogo terminaria empatado em 1 X 1, tendo o jornalista presente se decepcionado com o caráter indefinido da partida. Mais um jogo fora marcado, mas tal evento mais uma vez acabou decepcionando o mesmo jornalista, resultado: 2 X 2. No terceiro jogo de desempate, a igualdade continuou, o que fez com que a imprensa não comparecesse ao quarto compromisso das duas equipes. A inconclusão do futebol batia de frente com o que a sociedade do início do século passado estava acostumada, já que

as praticas de remo e corridas de cavalos, por exemplo, impossibilitavam a igualdade do resultado⁷.

Porém, em pouco tempo a situação do futebol no Brasil começava a ganhar outros ares, embora elitista, começava a despertar interesse de outras camadas sociais. Entretanto, inicialmente não havia espaço para que as camadas populares pudessem entrar em campo, ou até mesmo assistir a uma partida. Pereira (2000), remontando a história social do futebol no Rio de Janeiro, deixa esse fato bem claro salientando que a distinção social não se fazia presente apenas no *foot-ball*, mas em qualquer esfera seja ela esportiva ou não. Segundo o autor, alguns jornalistas da então capital nacional, defendiam a distinção de classes de forma mais ferrenha possível. Dizendo ser inconcebível sentar a mesa com sua mulher ou amante, na presença de algum indivíduo de classe inferior. Toda essa discussão ainda segundo Pereira (2000) se deu partindo da proibição dos barbeiros em praticar remo.

Nas demais cidades lembradas até aqui, as coisas não eram muito diferentes, em São Paulo a construção do primeiro campo oficial, segundo Guterman (2009), se deu em um terreno onde anteriormente se praticava críquete, a chácara pertencia ao engenheiro chefe que projetou a ferrovia entre São Paulo e Rio de Janeiro. Em Pelotas, Rigo (2004) traz imagens de moças nas arquibancadas dos estádios da cidade, todas elas com trajes alinhados, sempre acompanhados por elegantes chapéus. Com relação aos requintados torcedores que compunham o espetáculo futebolístico, retornando ao contexto carioca, Pereira (2000) mescla suas palavras com as notas emitidas pelos jornais da época:

Lotadas de cavalheiros distintos e senhoritas com vestidos claros, as arquibancadas pareciam um salão de festas. Assistindo aos jogos e torcendo por seus clubes prediletos, essa sele assistência confirmava, para alguns cronistas a “pujança do foot-ball na nossa capital”. Com a implementação do campeonato da Liga, as disputas passavam a atrair para os estádios cariocas uma “extraordinária concorrência”- em especial nas arquibancadas, onde reuniam-se torcedores “da nossa melhor sociedade” (PEREIRA, 2000. p. 74)

Além da distinção socioeconômica, o futebol trazia na época discussões étnicas bastante acirradas. O modismo elegante ao qual se configurou o futebol no início do século XX não abria espaço para negros, mulatos ou mestiços, como mostra, por exemplo, a obra “*O negro no Futebol Brasileiro*” de Mário Rodrigues Filho (2010).

⁷ Mais sobre os esportes praticados no início do século XX, assim como a importância social dos mesmos, em Lucena (2001).

A última edição desse livro traz consigo notas a todas as antecessoras, sendo que, na de 1964, Mário explica que a identidade nacional futebolística ia se constituindo a partir das vitórias e das derrotas da Seleção Brasileira. Em 1950, no famoso Maracanã, os negros foram culpados pela derrota, ao passo que oito anos mais tarde, o Brasil descobriria Pelé e Garrincha, negro e mulato respectivamente, os quais se mostraram os “donos da bola” naquele certame. Mário Filho, na época do relançamento de sua obra, já adjetivava Pelé como um rei, e anunciava sua importante contribuição para o rompimento das barreiras impostas aos negros até então.

Ainda sobre a obra de Mário Filho, é importante salientar que mesmo quando os negros começavam a participar dos clubes de futebol, seus ingressos eram sempre em número reduzido e serviam como substitutos para alguns brancos que esporadicamente se viam impedidos de entrar em campo. Nesse sentido, é importante ressaltar que no primeiro capítulo dessa obra, o autor anuncia que na época (1947), existia certo saudosismo no meio do futebol, entretanto, os saudosistas eram sempre os brancos. Talvez essa análise remonte uma época ainda abarrotada de sentimentos etnofóbicos.

Tal sentimento pode ser visto na copa de 1950, quando Barbosa, Bigode e Juvenal, foram responsabilizados pela derrota por 2 X 1, frente a Seleção do Uruguai. Na época de Mário, o saudosismo remetia-se a uma parcela da sociedade a qual se julgava superior a outra, e defendia um esporte de alta-classe composto por brancos e endinheirados. Essa diferença acaba explicando por que na época não existiam saudosistas negros.

Dois casos de negros do futebol brasileiro podem ser exemplificados, o primeiro é lembrado por Mário Filho (2010), e Pereira (2000), trata-se de Carlos Alberto, jogador campeão em 1913 pelo América, foi no ano seguinte jogar pelo Fluminense, clube da mais seleta classe:

No novo clube ainda mais fidalgo que o primeiro, o próprio jogador parecia começar a incomodar-se com o tom de sua cútis. Xingado de “mulato pernóstico” por um torcedor mais exaltado em um jogo de 1914, ele decide tomar uma atitude. Tentando apresentar-se em campo de forma mais elegante, resolveu passar pó de arroz no rosto para esbranquiçar a tez morena. Derretendo em meio ao jogo, a maquiagem do atleta logo foi percebida pela torcida adversária, que aos gritos de “pó de arroz” dava origem a um dos símbolos que ainda hoje acompanha o clube das laranjeiras. (PEREIRA, 2000. p. 114).

Caso semelhante, trazido por Mario Filho (2010) e Guterman (2009) foi o de Arthur Friedenreich, tido por Guterman (2009) como “*o primeiro grande herói do futebol brasileiro*” (p.39), era fruto da miscigenação, um mulato de olhos verdes, tal composição étnica se explica, pois, era filho de uma negra brasileira com um alemão.

Guterman (2009), ao se referir a Friedenreich, ressalta que o mesmo dispunha de uma qualidade técnica muito alta, sendo autor de cerca de 560 gols. Entretanto, nem seus olhos verdes, nem sua forma de jogar conseguiam que o mesmo não se sentisse um refém do sentimento “anti-negro” na época, tendo em vista que segundo Mario Filho (2010), Friedenreich, também não se sentia devidamente confortável nos gramados, já que, em várias ocasiões fora visto alisando os cabelos antes das partidas.

Pouco antes dos episódios envolvendo Carlos Alberto e Friedenreich, mais precisamente em 1905 foi criada a Liga Metropolitana de Foot-Ball no Rio de Janeiro, os criadores, na maioria times eminentemente ligados às elites do futebol carioca, deram esse traço ao futebol do local. Isso se evidenciou no ano de 1907, quando os estatutos dessa liga são alterados, transformando-a na Liga Metropolitana de Sports Atléticos⁸, não demorou muito para que os diretores da nova liga resolvessem limitar a entrada ou a permanência de sócios, visto que, nesse mesmo ano resolveu comunicar por meio de ofício os demais clubes: “que a diretoria da liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não serão aceitos como amadores nesta liga as pessoas de cor” (PEREIRA, 2000. p.66).

Segundo o autor, o Bangu A.C. sente-se ofendido, com tal decisão e se retira da liga. O efeito da proibição de negros por parte da Liga Metropolitana carioca, não respingou apenas no desligamento do Bangu, mas também na criação de ligas suburbanas, pois em 1907, mais de 40 clubes já se dedicavam ao futebol. Anos depois, com a liga metropolitana menos rígida, o Vasco da Gama torna-se campeão em 1923, entretanto, no ano seguinte, os clubes da elite se incomodam com o acontecido e fundam a AMEA⁹ (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos). Por mais que o autor veja a questão étnica como algo lateral aos motivos da fundação da AMEA,

⁸ Essa nova agremiação tinha por objetivo tomar conta de todos os esportes terrestres.

⁹ Soares (1999) desconstrói que a fundação de tal instituição tenha se dado por objetivos exclusivamente etnofóbicos, e sim, para explicar a tensão entre a ética do amadorismo e a rápida popularização do futebol.

indícios levam a crer que a defesa do amadorismo naquele momento, privilegiava a elite branca, pois, trabalhadores subalternos eram proibidos de fazer parte dos jogos. Como na época, a maioria dos negros não dispunha de um cargo de alto escalão, a medida parece tentar excluir tais sujeitos de forma sutil.

Por outro lado, o aparecimento de ligas contrapostas a ideia de um futebol elitizado, não foi exclusividade no Rio de Janeiro, em Porto Alegre, segundo Jesus (1999), o futebol não teve grande evolução no período compreendido entre 1903 e 1909 (anos das fundações do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e do Sport Club Internacional), porém, mantinha o mesmo caráter elitista similar aos demais centros.

Com o passar dos anos o interesse começa a crescer, o Grêmio constrói um pavilhão que abrigava 500 pessoas, mas nos morros ao entorno o público começava a se concentrar no intuito de assistir aos jogos. Ainda segundo o autor, por volta de 1920, havia três ligas na cidade. A Liga do Sabonete, a Liga do Sabão e a Liga das Canelas Pretas. O número de ligas e a distinção entre elas dá indício que a segregação em Porto Alegre era acentuada, à medida que, na Liga do Sabonete, entravam em campo as camadas mais ricas, na do Sabão as intermediárias e na Liga das Canelas Pretas, faziam parte dos certames apenas jogadores negros. Tal liga, segundo o mesmo autor, surge em meados da década de 1910. Liga das Canelas Pretas não era o nome oficial da organização, batizada como Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense. O apelido pejorativo, segundo o autor, começou a ser divulgado fortemente em meio à imprensa branca da capital do RS. Ainda segundo Jesus (1999), a utilização do termo canela indicaria falta de habilidade, já que, a parte que deve tocar a bola é o pé, caneleiro é aquele que não sabe jogar futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse texto, sabe-se que foram discutidos alguns aspectos acerca da emergência do futebol, não seria o objetivo e nem mesmo se tinha ambição de contar todos os passos do esporte no Brasil,

entretanto, entende-se que traçar esse panorama é um passo importante para esclarecer alguns fatos históricos importantes no país quando o assunto é o futebol.

Cabe destacar também, que alguns polos importantes não ingressaram nessa escrita, principalmente por não terem sido encontradas referências consistentes. Um exemplo disso é o futebol da região norte do Brasil, que, a exemplo de Goiás, não sofrera influência direta do futebol europeu desembarcado nos portos marítimos brasileiros.

Contudo, tal levantamento pode ser referência para outros estudos, já que, traz fatos importantes no contexto do futebol brasileiro, no que se refere às relações de poder estabelecidas (sobretudo nas questões étnicas), além das diferentes portas de entrada para o esporte no Brasil. Reiterando a autonomia do fenômeno futebolístico em diferentes regiões brasileiras, visto que, o futebol no sul do Brasil possuiu entradas marítimas (Europa), mas também platinas (Argentina e Uruguai), o que comprova que os movimentos de entrada do futebol no Brasil se deram em uma perspectiva paralela.

REFERÊNCIAS

DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. In: **Esporte e Sociedade**, número 1, Rio de Janeiro: Nov2005/Fev2006.

DIAS, Cleber. Primórdios do futebol em Goiás, 1907-1936. In: **Revista de História Regional**. 18(1): 31-61, 2013.

FILHO, Mario Rodrigues. **O negro no futebol Brasileiro** Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 5ª edição, 2010.

FOULCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25ª Ed. São Paulo: Graal, 2012.

FOULCAULT, Michel. Genealogia e poder In: **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25ª Ed. São Paulo: Graal, 2012.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GASTALDO, Édison: Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas¹. In: **Esporte e Sociedade**, número 3, Rio de Janeiro, RJ: Jul2006/Out2006.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil** - Uma História da Maior Expressão Popular do País. Contexto, 2009.

JESUS, Gilmar Mascaranhas de A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. In: **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 5 - N° 26 - Outubro de 2000.

JESUS, Gilmar Mascaranhas de. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**, Porto Alegre, n.11, julho de 1999.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **Esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas, SP: Autores Associados. 2001.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa?! In: **Futebol: paixão e política/ Paulo Cesar Rodrigues Carrano (org) [ilustrações: Ricardo Goulart]- Rio de Janeiro: DP&A, 2000.**

MILLS, John Robert. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro -1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIGO, Luis Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. In: **Revista Pensar a Prática**. v. 10, n. 1, 2007.

RIGO, L. C. **Memórias de um Futebol de Fronteiras**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

RIGO, Luis Carlos. Nomadismo e miscigenação no futebol pelotense. In: **Movimento**. Porto Alegre, v.9, n. 3, p.149-161, set./dez. de 2003.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira. SANTO, Fernando Reis do Espírito Santo. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). In: **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 79-95, jul/set de 2011.

SOARES, Antônio Jorge. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. In: **Revista paulista Educação Física**, São Paulo, **13**(1): 119-29, jan./jun. 1999.

SÍTIOS

Esporte Clube 14 de Julho. Disponível em: <
<<http://www.14dejulho.com/index.php/esporte-clube-14-de-julho.html>> Acesso em:
07/10/2013

Sport Club Rio Grande, disponível em: <http://www.sportclubriogrande.com.br> Acesso
em: 27/09/2012